

Hibridismo e hospitalidade na literatura: a relação entre Portugal e o Brasil no século XXI¹

Tania Martuscelli
University of Colorado at Boulder

Resumo

A literatura contemporânea tem cada vez mais retratado o fenômeno da globalização, que abrange desde questões de foro econômico, consequência do neoliberalismo, a outras temáticas como o apagamento das fronteiras geográficas, ou o desenraizamento devido à emigração. Outra tendência que tem surgido nas letras do mundo falante de português é a do hibridismo cultural. Autores como Hugo Gonçalves, Inês Pedrosa, José Francisco Viegas e Luiz Ruffato situam sua trama e/ou personagens estrangeiros no universo brasileiro ou português, de modo a problematizar as identidades nacionais em nossos tempos de mobilidade global. Propõe-se discutir a questão da hospitalidade, tal como aparece em Derrida, de maneira a levantar questões da atual relação cultural e linguística entre Portugal e o Brasil.

Palavras-chave: hibridismo cultural; hospitalidade; literatura contemporânea; globalização.

Abstract

More and more the contemporary literature has been portraying the phenomenon of globalization. It encompasses issues of economy, as a result of the neoliberalism, and other aspects such as the blur of geographic frontiers or the issue of identity and nationality due to migration. There is also a growing tendency in the literature of the Portuguese-speaking world, which is cultural hybridism. Authors such as Hugo Gonçalves, Inês Pedrosa, José Francisco Viegas, and Luiz Ruffato set their narrative and/or foreign characters in Brazil or Portugal. They present the dynamics of national identities in our present time of global mobility. We aim at discussing the idea of hospitality as Derrida presents it, so that we may explore the current issues of Portuguese and Brazilian culture and language.

Keywords: cultural hybridism; hospitality; contemporary literature; globalization.

Do processo de hibridismo cultural

O conceito de hospitalidade subentende a noção de proximidade com o outro, isto é, a noção de alteridade e, mais ainda, a noção de ultrapassagem do limite geográfico, cultural, social e outros equivalentes. No contexto da hospitalidade em nosso século, sobretudo em tempos de migração

¹ Este trabalho foi financiado pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento em conjunto com a Biblioteca Nacional de Portugal, em julho e agosto de 2016.

em massa — o que tem gerado desconforto político, bem como diplomático, tal é o caso da saída do Reino Unido da Comunidade Europeia, ou, nos Estados Unidos, as decisões de Donald Trump em relação aos imigrantes. Está-se lidando com uma quebra da lei da dualidade entre o “eu” e o “outro”, bem como entre o “sujeito” e o “objeto” para passar a assumir o discurso do estar “em sua casa em casa do outro”, ou nas palavras de Derrida, “*chez-sois chez l'autre*” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 17).

No primeiro caso relativo ao hibridismo, pense-se no *hóspede* como ser-político que atua na sociedade de forma ativa, isto é, insere-se nela e produz. No segundo caso, de hostilidade mais que de hospitalidade, pense-se no papel do estrangeiro “fora do lugar”, outra expressão de Derrida (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 19), visto como entrave ao processo econômico. A figura do homem-político, desse modo, em nossos tempos é referente da eficácia econômica. Contudo, não o é, necessariamente, no universo da construção do personagem literário. No caso dos quatro livros em questão, *Longe de Manaus*, ganhador do Grande Prêmio de Romance e Novela de 2005 pela Associação Portuguesa de Escritores, *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo, Estive em Lisboa e lembrei de você* (ou *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti* na versão europeia do livro) e *Desamparo*, podem-se encontrar tanto momentos de hospitalidade como de hostilidade. O processo de hibridismo dá-se, portanto, de modo ambíguo, exemplar nesse contexto ficcional.

Na literatura, pode ocorrer tanto um esforço para alocar essa noção de modo positivo, como negativo. A hospitalidade, ambivalente portanto, dá-se por via do destaque ao hibridismo cultural, tal como aqui se pretende estudar nas obras de José Francisco Viegas, Hugo Gonçalves, Luiz Ruffato e Inês Pedrosa. Por outro lado, dá-se também por via negativa, em que se sobrevaloriza a hostilidade por via de nacionalismos e fundamentalismos mais radicais, por vezes até sangrentos.

Na literatura policial contemporânea do caso português, por exemplo, a violência costuma ser enfocada por meio de um passado histórico traumático, recuperado da chamada guerra colonial, o que, para as ex-colônias, seria a revigorante, ainda que sangrenta, guerra da independência. No presente caso, o célebre detetive de Francisco José Viegas, Jaime Ramos, vai ao Brasil a trabalho e lida com um manauara, seu colega de profissão. Falam a mesma língua e ocupam, socialmente, um espaço semelhante. Contudo, a realidade de um e de outro são sobremaneira diversas. A dinâmica de hospitalidade e hostilidade entre os dois policiais não é a mesma que ocorre no caso do personagem de Hugo Gonçalves, por exemplo, que foge de Lisboa em busca de certo sossego no Rio de Janeiro. Contudo, ao manter um estilo de vida semelhante ao que tinha em sua terra natal — demarcando o hibridismo uma vez que segue ocupando um espaço similar ao que ocupava em seu país de origem —, acaba por ter de fugir outra vez, agora da cidade do Rio de Janeiro, não sem antes confrontar sua visão de mundo com a de um conterrâneo mais velho. A posição social do celebrizado personagem brasileiro de Cataguazes, Serginho, criado por Luiz Ruffato e recentemente (2015) transformado em filme pelas mãos do diretor português

José Barahona, é diferente do caso do protagonista de Hugo Gonçalves que, como foi referido, sai da metrópole europeia e passa uma temporada em outra metrópole, sul-americana, cuja história em muito se intersecciona com a portuguesa. Note-se que até a noção de império é comum, uma vez que o Rio de Janeiro chegou a ser morada do rei e da nobreza de Portugal no século XIX. O personagem de Ruffato, nascido em Cataguazes, interior de Minas Gerais, não acostumado com a vida movimentada das grandes cidades, passa por apuros de ordem não somente social e cultural, mas também geográfica, além de linguística em Lisboa. O Rio de Janeiro, desse modo, é menos estrangeiro ao lisboeta do que sua cidade natal para o jovem mineiro sonhador. No caso de Jacinta e Raul, personagens brasileiros, ou luso-brasileiros, em Portugal na obra de Inês Pedrosa, a hostilidade devido à inoperância econômica ou inatividade política de seu papel de cidadãos — no caso da mãe por ser velha e do filho por não ter trabalho — convive com a hospitalidade que lhes é devida, uma vez que são ambos residentes legais no país.

A experiência de diáspora, como se vê nesses breves exemplos, não se generaliza, ainda que o processo de hibridismo que se dá pela dicotomia de hospitalidade e hostilidade ocorra em todos e quaisquer dos casos. Considerando que a linguagem é elemento de hospitalidade entre brasileiros e portugueses, a dificuldade do personagem de Ruffato, que não consegue garantir o trabalho de garçom, por exemplo, não se dá pelo sotaque brasileiro, mas pelo fato de não saber falar inglês para atender os turistas no Bairro Alto. O domínio linguístico, nesse contexto da globalização e do universo de consumo e viagens *low-cost* que tornam o mundo bastante pequeno para os turistas, é elemento-chave para a hospitalidade sobressair ao seu contraponto de hostilidade. Tal domínio, contudo, deve ultrapassar a fronteira da língua nacional, abarcando a “língua internacional”, isto é, o inglês, no contexto da globalização e do texto do brasileiro.

Nesse sentido de conhecimento linguístico, mas mais ainda de vivência e convivência com estrangeiros numa cidade cosmopolita, no Rio de Janeiro, o personagem de Gonçalves sente-se de tal modo confortável que praticamente repete a vida errática e marginal que tinha em Lisboa: “Um dia estava em Lisboa, com pressa para sair dali, e no dia seguinte estava no Rio de Janeiro, a morar numa cobertura com vista para o Redentor, sem hora para acordar” (GONÇALVES, 2013, p. 14).

O rapaz que fugiu do “fogo” lisboeta anda de bicicleta, faz tatuagem e se droga ao passo que se vai aclimatando ao ritmo da cidade. Serginho, o mineiro de Luiz Ruffato, por sua vez, mantém-se marginalizado socialmente, de modo que, se se relaciona com outros, são os imigrantes com a mesma situação ilegal da sua. O português no Rio de Janeiro é homem-político, enquanto o brasileiro em Lisboa é refém da globalização. Já o personagem de Inês Pedrosa sofre por não reconhecer em Portugal a terra natal de sua família e por ser julgado como frustrado por uma namorada que o abandona. O conceito “*chez-sois chez l'autre*” de Derrida pode ser referido uma vez mais para explicar os diversos modos de estar numa sociedade alheia à sua, independentemente de sua condição de legalidade ou de seu estado financeiro.

Anne Dufourmantelle explica que o processo da hospitalidade, isto é, a aproximação com o outro passa pelo espanto, ao que na filosofia se denomina desamparo. “Mas o espanto”, observa a autora, “vira-nos para o momento em que o temor cede à dianteira do familiar, descobrindo de passagem outros vãos, outras marcas para a habituação” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 14). *Desamparo* é, justa e coincidentemente, o título da obra de Inês Pedrosa. No caso do romance de Gonçalves, o protagonista demonstra esse *desamparo* ou espanto ao chegar ao Rio de Janeiro e deixar-se condicionar pelo imaginário do

[m]edo das ruas da cidade, das árvores que tombavam na estrada, dos deslizamentos de terra, dos condutores embriagados. Tinha medo dos motoristas de ônibus, que pareciam acelerar caso vissem alguém atravessando a rua. Tinha medo de morrer, sem documentos, esborrachado por um caminhão, intoxicado por uma fuga de gás, decepado por uma tampa de esgoto (2013, p. 33).

É Derrida ainda quem aponta para o movimento de desconstrução por via da experiência do exílio, em que há um processo de “esburacamento, que desaloja a inquietante estranheza no seio do mais familiar, ali onde ‘não tínhamos visto senão fogo’” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 28). Tal questão interessa sobremaneira na análise do romance de Hugo Gonçalves, que anuncia já no título uma espécie de esburacamento e destruição: *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo*. Ainda que a estranheza do protagonista não se dê de maneira traumática, como quando fala prazenteiramente do cheiro à clorofila das árvores, dos sons desconhecidos vindos da mata atlântica que beirava o apartamento onde estava hospedado, a ideia de esburacamento se dá no sentido de o personagem ir para o Rio de Janeiro em tempos de ascensão econômica brasileira, em busca de uma tranquilidade que Portugal, em crise, não lhe proporcionava:

tinha prometido esquecer a atualidade noticiosa do meu país e os problemas do planeta. [...] Sentia que, no Rio de Janeiro, estava longe da falência da minha vida lisboeta. E, se a Europa fosse ao fundo, se tudo ruísse, então o meu passado, as minhas faltas e as minhas dívidas seriam também enterradas pelo entulho [...] (2003, p. 29).

Tal perspectiva econômica é de interesse, pois, ainda seguindo as pistas do estudo de Derrida, o estrangeiro, ou o recém-chegado é o hóspede que não entra simplesmente no lugar novo, mas que o ocupa, assim como ocupa o lugar do hospedeiro — pois a casa dele será a sua. A experiência de imigração num país em franca ascensão econômica e política, como foi o caso do Brasil na *era* do presidente Lula da Silva, é mais positiva, diversa daquela em que a crise acaba por fazer aumentar o preconceito contra esse hóspede (indesejado). Mais ainda, é lugar ameno que não vê o novo morador como ameaça que vai roubar dos cidadãos os empregos existentes.

Tal hipótese aparece em uma das epígrafes do livro de Gonçalves, retirada da obra de Padre Antônio Vieira, em que se refere a uma Lusitânia hospitaleira (“nossa Lusitânia”), ainda que

hostil em relação aos colonizados, esses contemporâneo ao Padre: “Vede agora se eu tinha razão para dizer que é natureza ou má condição da nossa Lusitânia não poder consentir que luzam os que nascem nela” (2013, p. 9). Isto é, o papel do hóspede só é ativo se ele realmente contribui com a sociedade. De outro modo, a dinâmica entre um e outro se dá por via de um hibridismo inevitável por causa do encontro, mas que ainda assim segue sendo marcado pela hostilidade.

O uso da imagética do Cristo Redentor paralelamente à figura de Nossa Senhora de Fátima presente no romance de Gonçalves é exemplo do modo pelo qual se pode perceber a realidade se hibridizando sob o ponto de vista do hóspede. Escreve o narrador-protagonista que “[p]odia contemplar a Lagoa e, mais acima, a estátua do Cristo que flutuava numa nuvem, cheio de luz, como a miniatura fluorescente de uma Nossa Senhora de Fátima numa cozinha portuguesa” (2013, p. 15). Seu olhar crítico ao que lhe é novo — ou, para voltar a referir o estudo de Derrida, seu espanto e desamparo diante de qualquer referente cultural que não seja o seu — leva-o a contrastar a icônica estátua carioca com o que lhe é familiar: a estatueta do símbolo do milagre português e não propriamente, nesse caso de paralelismo cultural, com o Cristo de Almada, o que acabaria por representar uma rasa justaposição visual. Ao passo que se vai familiarizando melhor com o lugar, o protagonista percebe-se vivendo uma rotina similar àquela que lhe levou à falência em Portugal, o que não deixa de ser mais um exemplo de hibridismo, neste caso, fruto da sociedade globalizada: “As noites do Rio começavam a transformar-se em noites de Lisboa, o mesmo carrossel de exageros e dores na alma, os mesmos abusos e descontrolo [...] tudo tão igual que as memórias são uma repetição da repetição” (GONÇALVES, 2013, p. 43).

O personagem Carlos, que representa no romance de Gonçalves a geração dos pais ou avós do narrador-protagonista, que viveu a experiência de guerra em África, refere-se ao desamparo que sentiu na década de 1970, época em que regressou de Angola e percebeu-se num ambiente de hostilidade na sua terra natal. Afirma Carlos, rancoroso: “Combati em Angola e tentei ficar depois da independência. Mas tive de voltar para Lisboa sem nada. E fui tratado pelos meus compatriotas como um bandido” (GONÇALVES, 2013, p. 28). Para além do fato de ter lutado numa guerra que muitos consideravam inútil, o retorno de um cidadão empobrecido pode ser aqui referido como mais um elemento para a dinâmica de hostilidade. O trauma dos tempos coloniais aparece no romance não somente por via de Carlos, ex-combatente, mas também pelo personagem Lázaro, ex-investigador da Pide, que, se por um lado foi amante da amiga do protagonista, autora de uma reveladora autobiografia, por outro lado foi o torturador do suposto editor do livro de sua antiga namorada. A identidade e função desse imigrante, que nunca foram reveladas no Brasil, lugar de sua nova morada, foram mantidas em segredo por outros agentes da Pide que também escolheram viver no Rio de Janeiro. Depois da Revolução dos Cravos, aliás, como afirma o protagonista, “[o] Brasil era [...] refúgio e recomeço para portugueses, cada qual com suas razões” (GONÇALVES, 2003, p. 132).

Do processo de identidade e autoridade linguística

Para a noção do “estar em casa na casa do outro,” Derrida refere a importância essencial da língua. Nesse sentido, é tão complexa quanto instigante a relação entre portugueses e brasileiros, uma vez que compartilham a mesma língua materna, ainda que a expressem distintamente. A relação intrínseca que existe nessa “casa”, isto é, com relação a sua mãe-língua, não é a mesma, apesar de sua base genética — quer dizer, linguística — comum.

Ambos, brasileiros e portugueses, são estrangeiros pelo dialeto de sua infância, para voltar a referir-se ao seminário do filósofo francês (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 37). É ainda Derrida quem esclarece que um burguês intelectual palestino, de mesma classe social que a sua, é-lhe menos estrangeiro que um francês de classe superior ou inferior. No que concerne à língua, contudo, o mesmo burguês intelectual palestino passa a ser mais estrangeiro que “um trabalhador suíço, um camponês belga, um boxeur do Québec” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 86). Nesse sentido, portugueses e brasileiros são menos estrangeiros no que toca a sua formação linguística, mas distanciam-se no elemento referente à cultura, ou ao papel social de cada um, ao mesmo tempo que, numa perspectiva globalizada, aqueles de mesma classe e função social possam ser menos estrangeiros entre si.

Note-se, nesse sentido, que o “estrangeirismo” permite cotejar outra questão do aspecto linguístico no romance de Viegas, Gonçalves, Ruffato e Pedrosa, iluminados pelo argumento de Derrida. No caso de *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo*, a filha de Carlos, o ex-combatente em Angola, estuda no Brasil e fala “de forma estranha”, na visão do pai conservador, o que o leva a reclamar que “[a] língua é nossa [dos portugueses], o sotaque é deles” (2013, p. 39). Tal afirmação causa espanto no jovem protagonista, cuja geração vê o Brasil com olhos menos colonizadores: “Não sabia que a língua tinha senhorios. Não quero faltar-lhe ao respeito, mas essa cena do império fica-lhe mal” (2013, p. 39). Outro personagem de Gonçalves, Filipe, o editor da reveladora autobiografia, apesar de estar “há muitos anos no Rio”, como também observa o narrador, “não perdera o sotaque português do Estoril, uma herança casta, uma impressão digital das suas origens” (2013, p. 35). Há nesses exemplos presentes no romance uma marca indelével da história cultural portuguesa que, se na figura do ex-combatente Carlos mantém-se praticamente intacta, em sua filha adolescente desaparece, e, na representação intermediária de Filipe, mais velho que a estudante, mas mais moço que o pai dela, fica no limiar da “cena do império”, isto é, mantém o sotaque que marca sua origem de classe alta, ainda que viva no Rio de Janeiro há muitos anos.

Ainda mais iconoclasta é Ricky, ex-colega de escola do protagonista e seu anfitrião na cidade carioca, que tem por costume cheirar cocaína “em cima de uma edição antiga de *Os Lusíadas*”. O personagem graceja ao dizer que “[n]ós somos os poetas das novas odisséias globais” (2013, p. 42). Desse modo, pode-se depreender um convívio de gerações de portugueses em conflito de hospi-

talidade e hostilidade no Brasil, todos, porém, passando pela mesma experiência de hibridismo.

No caso do romance de Inês Pedrosa, contextualizado na mesma época de crise financeira em Portugal, Raul, personagem nascido no Brasil, filho de Jacinta, é hostilizado por seu sotaque, como explica a narradora-protagonista:

com toda a crise do imobiliário e casas vazias, as empresas de construção a falir umas atrás das outras [...], onde há trabalho para arquitectos? Tentou ser professor de artes, criar *ateliers* de tempos livres para crianças, mas o sotaque atrapalha. Ninguém quer crianças a falar brasileiro (2015a, p. 31-32).

Jacinta é filha de portugueses e foi levada ao Rio de Janeiro por seus pais, onde cresceu e seguiu a carreira de modista. Na velhice, contudo, depois de 50 anos vividos na América do Sul, voltou a habitar a aldeia onde sua mãe lhe deixou de herança uma casa. Ao longo da narrativa a personagem rememora o Rio de Janeiro dos anos de 1920 em diante, época em que o Brasil tinha a fama entre os portugueses de ser “terra rica e feliz” (2015a, p. 22), ao passo que Portugal era, na visão do pai da protagonista, um “país miserável de gente inculta” (p. 22). O paralelo com o presente dos personagens é claro, bem como a experiência da diáspora da geração anterior à dos protagonistas.

Além disso, Jacinta é mais uma migrante que, se no Brasil era chamada de “Portuguesa”, em Portugal passou a ser a “Brasileira” (p. 23). É, portanto, personagem híbrida tanto num país como no outro que não sofre por “ter falta de personalidade”, mas por “ter personalidade a dobrar” (p. 23), como ela própria afirma. Pode-se classificá-la como figura *lusu-brasileira*, ou seja, fruto do hibridismo cultural entre os países. Seu filho, Raul, nascido no país sul-americano e agora residente em Lisboa, passa por uma situação financeira difícil, de modo que é apresentado por sua mãe como um “[c]ulpado”, como ela, “de ter duas pátrias e não encontrar compatriotas em nenhuma. Culpado de estar pobre, num país de pobres, e com o sotaque errado” (2015a, p. 27). Denota, com isso, uma vez mais, a hostilidade, sobreposta à ideia de hospitalidade, ainda que, ele também, por direito, esteja em casa — para voltar a referir o estudo de Derrida. As personagens Raul, assim como Serginho, protagonista do texto de Ruffato em *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti*, não deixam de ser alegorias contemporâneas do imigrante brasileiro em Portugal. Já a mãe, Jacinta, como ela se apresenta ao leitor, é “a brasileira’ boa da aldeia, porque [é] demasiado velha para evocar os fantasmas das brasileiras sedutoras” (PEDROSA, 2015a, p. 27). Talvez justamente por isso não sofre o preconceito como o filho, ainda que se sinta, também ela, desamparada.

Apesar de os romances *Desamparo* e *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo* lidarem com enredos e espaços da narrativa bastante distintos, ambos são situados numa época contemporânea, recente, em que Portugal penava com a crise financeira que parecia infinda, ao passo que o Brasil ganhava força política no mundo por conta de seu franco crescimento econômico. O personagem Carlos do romance de Gonçalves critica o desamparo do jovem protagonista,

notando que sua geração sofreu com “uma guerra, uma ditadura, uma descolonização”, ao passo a que a do rapaz “teve uma crise financeira e o sonho estilhaçado de viver numa sociedade moderna, com ajudas do Estado e conforto doméstico” (2013, p. 90). Ademais, portanto, do momento político e financeiro distinto, o autor chama a atenção para as diversas experiências de diáspora, ou de hostilidade e de hospitalidade, que reúnem as gerações, ainda que as histórias de vida sejam singulares.

O texto de José Francisco Viegas apresenta um esburacamento similar ao de Pedrosa e Gonçalves ao lidar com a questão das cicatrizes de guerra, bem como a corrupção do passado com ecos na atualidade. Se o Brasil foi apresentado em *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo* como reduto dos cidadãos portugueses pró-salazarismo nos anos de 1970, em *Longe de Manaus* o país é lugar para quem se sente cansado, para quem “não tem vida deste lado do mar [Portugal], ou que vive no Brasil porque tem medo de ser encontrad[o] pelo passado e pelos seus vizinhos, pelos conhecidos que conheceram a sua vida, pelos desconhecidos que podem vir a conhecer a sua vida” (VIEGAS, 2005, p. 184). Manaus, especificamente, é descrita como lugar atemporal, mítico por vezes, ou “uma terra de exilados. Portugueses fugidos da justiça ou à Inquisição [...]. Árabes fugindo à pobreza ou ao mercado limitado de Beirute. Ou ao deserto” (VIEGAS, 2005, p. 274).

O detetive Jaime Ramos tem antepassados brasileiros e conta que cresceu ouvindo “falar do Brasil como a terra prometida de onde se regressaria rico, velho, com bastantes filhos e criados negros, onde os homens vestiam casacos brancos e havia demasiadas mulheres” (VIEGAS, 2005, p. 226). Sua primeira impressão ao chegar ao país, contudo, foi o reconhecimento da “mesma língua numa terra distante” (p. 227). Ao falar com seu assistente por telefone, responde à pergunta “Que tal é São Paulo?” (p. 253) com um instigante comentário: “Não me parece que isto seja São Paulo [...] [t]em ruas iguais às nossas” (p. 253). Segue ainda observando, surpreendido, que “[e] stá frio em São Paulo, o mundo anda ao contrário, e está a nevar no sul do Brasil, vi na televisão. Afinal, a geografia não era como nos tinham dito. Acho que só é a Europa de pernas para o ar. Mas mais escura” (VIEGAS, 2005, p. 255).

As impressões do detetive português só começam a afastar-se de seu contraponto europeu quando este chega a Manaus e, ajudado pela convivência com o chefe da polícia local, percebe que a distância entre os países não é só geográfica, como havia imaginado. Manaus, sobretudo, cuja realidade é desconhecida mesmo do brasileiro das grandes cidades do Sul e Sudeste industrializados, era, para Jaime Ramos, o reflexo do que aprendera no cinema de Herzog com o filme *Fitzcarraldo*. O teatro Amazonas, para ele, “não fazia parte do Brasil mas de um universo mais largo e mais fundo, o da Amazônia e o da ópera, o do cinema, o do delírio [...] possuído pelos demônios do Amazonas [...] no coração da floresta, no coração das trevas” (VIEGAS, 2005, p. 259-260). Mesmo que suas escadarias levassem o público do teatro a uma “praça alimentada de árvores que imitam os parques europeus, e de estátuas que podiam ter vindo de Paris, de Roma,

de Lisboa” (VIEGAS, 2005, p. 260), o cheiro da cidade — de especiarias misturadas com ervas e peixes podres, peixes fritos, vinhos avinagrados, esgoto, modorra, suor, doces e frutas — era único ao local. A descrição dos surpreendentes odores percebidos pelo detetive Ramos é ironicamente contrabalançada pela súbita afirmação do delegado brasileiro ao dar-lhe boas-vindas ao “centro do mundo” (VIEGAS, 2005, p. 268). Isto é, enquanto o estrangeiro vê Manaus como um lugar distante de sua realidade, o brasileiro lhe apresenta como epicentro do mundo real.

Osmar, policial manauara de origem indígena e árabe, chama a atenção do visitante português por usar sandálias e informalmente tomar cerveja — desafiando o senso comum de que policias não bebem no trabalho — enquanto investiga um crime brutal contra doze mulheres, provavelmente prostitutas. O delegado diz ao visitante que queria que ele visse os corpos mutilados e abandonados na beira do rio para que soubesse que o “Brasil é um lugar cordial que vive no meio da crueldade” (VIEGAS, 2005, p. 277). Ainda que trabalhem juntos, os policiais mantêm um estranho distanciamento. Para o delegado brasileiro a visita de Jaime Ramos era “como se Pedro Álvares Cabral tivesse chegado ao Amazonas” (VIEGAS, 2005, p. 269). Osmar, inclusive, provoca o português quando demonstra sua desconfiança. Ainda que utilize um tom de sarcasmo, pergunta a Ramos se havia trazido “seus marinheiros”, acrescentando que “Cabral deixou uns criminosos para nos contatar” (VIEGAS, 2005, p. 269-270). O português responde ao pé da letra, sem se intimidar, afirmando que prefere contar com os fora-da-lei locais (p. 270). O delegado manauara por sua vez o remenda, deixando transparecer sua visão conservadora da sociedade brasileira contemporânea: “nossos criminosos estão ocupados, ou fazendo um filme numa favela do Rio ou sendo entrevistados por uma televisão francesa” (p. 270). Tais elementos aparentemente insignificantes deixam entrever a hostilidade em meio à hospitalidade do brasileiro que reconhece no momento de encontro (histórico e ficcional) com o português a aproximação e, consequentemente, o hibridismo.

Tal argumento pode ser explicado por via filosófica, com a ajuda de Zygmunt Bauman, segundo o qual nos nossos tempos “o espaço social [do indivíduo] acha-se espalhado sobre um vasto mar de insignificâncias” (2003, p. 181). O passado histórico e o trauma reconhecido na fala do delegado brasileiro são menores ou maiores “borrões” de conhecimento, que, reunidos, permitem a assunção do caráter hostil dos personagens, bem como o papel de trabalho conjunto — híbrido — na narrativa.

De modo semelhante, o personagem Carlos no livro de Hugo Gonçalves, em permanente embate de ideias com o protagonista — embate esse geracional e não propriamente de ordem nacional ou nacionalista —, ressentido o crescimento do Brasil e, consequentemente, a ultrapassagem de sua posição e força política no âmbito global. Não deixa, porém, de manter certo orgulho nacionalista: “Estes brasileiros agora querem dar lições de economia ao mundo” (2013, p. 38). De certo modo, a dinâmica entre Ramos e Osmar em *Longe de Manaus* encontra exemplo também no universo do romance de Hugo Gonçalves, cujas reverberações não estão distantes do contexto histórico comum de colonização nos dois países.

Já o lado português presente na narrativa de Inês Pedrosa começa a ser representado na epígrafe retirada do romance brasileiro *A descoberta do mundo*, de Clarice Lispector. Com a citação “Agora eu conheço o grande susto de estar viva, tendo como único amparo exactamente o desamparo de estar viva” (PEDROSA, 2015a, p. 9), o leitor percebe o tom existencial do texto. A Aldeia de Arrifes, vila imaginária no conselho de uma também imaginária vila de Lagar é histórica e turística. A autora marca a semelhança desse lócus fictício com diversas aldeias portuguesas que hoje em dia servem ao — e sobrevivem do — propósito turístico, de modo que oferecem ao visitante “uma paisagem medieval com água potável e confortos modernos” (PEDROSA, 2015a, p. 12). É interessante a escolha da autora de narrar a vida de Jacinta e Raul num Portugal inventado, ao passo que se refere à vida passada da modista num Rio de Janeiro bastante próximo do cotidiano carioca, mencionando lugares e espaços reais (e não ficcionais como no caso do espaço português).

A ideia da mãe-língua, casa ou *oikos* da cultura é um caso curioso nos romances que aqui são analisados. A comunalidade linguística não deixa de paradoxalmente marcar certo distanciamento, apesar das várias convergências que levam (e levaram) ao hibridismo. Ainda que Francisco José Viegas faça seu protagonista detetive Jaime Ramos perceber depois de uma semana no Brasil que “a sua língua mudara embora fosse a mesma [...] mais sonora, cheia de vogais abertas e de alegrias desconhecidas, falada por africanos e por árabes, [...] brancos e pálidos, ou [...] morenos e irónicos, sorridentes, ou pelo empregado oriental do bar do hotel” (VIEGAS, 2005, p. 362), os autores portugueses, ao escreverem com o “sotaque” sul-americano, tornam sua escrita imperfeita, deixando entrever tanto a demonstração de familiaridade com a cultura, como o surpreendente distanciamento dessa (mesma) língua.

Hugo Gonçalves mudou-se para o Rio de Janeiro em consequência da crise econômica em Portugal. Viegas recorreu a uma amiga brasileira para corrigir os fragmentos escritos na variante sul-americana da língua portuguesa em seu texto. Pedrosa forneceu ao leitor detalhes de um cotidiano carioca por meio das memórias de Jacinta que formaram um compêndio de uma história de costumes. É curioso notar, contudo que, se há um português “brasileiro” na voz de Jacinta, a primeira narradora do romance de Pedrosa, esse desaparece na voz do segundo narrador-protagonista, Raul que, justa e imperfeitamente, sofre, como fica marcado no texto, por ter sotaque estrangeiro em Portugal. O filho utiliza um vocabulário europeu como “banda desenhada”, “sítio”, “psicadelismo” (PEDROSA, 2015a, p. 46), o que permite a assunção de hibridismo linguístico. Contudo, ao seguir rigorosamente as regras da gramática europeia, incluindo a sintaxe, o sotaque brasileiro de Raul acaba tendo de contar com a boa vontade do leitor de ficção. Reconhece-se o drama do protagonista imigrante, ainda que sua fala não seja representada de acordo com as normas do português do Brasil. Diferente é a experiência do personagem de Luiz Rufatto, Serginho que, em Lisboa, envolto numa inocência — e sotaque — caipira, ouve a língua portuguesa de variante europeia e vê a arquitetura local como elementos esquisitos, alheando-se dela. Enquanto

Pedrosa tenta marcar seu conhecimento profundo do Brasil, Ruffato demarca os limites, isto é, a diferença e o desconhecimento na visão do pouco experiente e nada viajado Serginho.

No caso de Viegas, a narrativa em português do Brasil também falha por vezes e os dados do cotidiano, como os pequenos copos de vidro que acompanham as garrafas de cerveja que são servidas dentro de isopores nos bares mais rústicos, são pormenores curiosos que funcionam como referentes para confirmar sua experiência com a cultura local, bem como para ilustrar a paisagem na ficção. O autor explica em entrevista ao jornal *Público* datada de 7 de julho de 2006 o processo que utilizou para a composição do universo brasileiro em seu romance. Além de assumir que recobrou de suas próprias memórias de viagens e de suas leituras de Milton Hatoum elementos da cultura amazonense, quis utilizar a variante brasileira da língua em seu texto para defender que

[o] português [...] já não é propriedade dos portugueses, é de quem o fala, dos angolanos, dos moçambicanos, dos brasileiros. [...] Os brasileiros mudam-na todos os dias, recriam o português, fazem coisas maravilhosas. Falam outro português, mas é muito respeitável. [...] [É] para as pessoas se habituarem que o português não é nosso, é de quem o fala (2006, s.n.p.).

Em Gonçalves, o dia a dia de um carioca que anda de bicicleta e vai à praia depois do trabalho é representado na figura do protagonista estrangeiro. Surpreendente, contudo, o recurso das notas de pé de página que o autor utiliza ao longo da narrativa. O jornalista e escritor vê a necessidade de explicar ao leitor português o significado de elementos próprios do universo brasileiro, como as *vans* (GONÇALVES, 2013, p. 39) que servem de transporte público; a origem do termo que utiliza em um dos capítulos, “vagão rosa”, título de uma canção de Gonçalo Pires, residente na comunidade do Vidigal (p. 48); os diversos usos de “Oi” (p. 62); a relação de sua geração com os filmes de guerra em contraponto com os portugueses que efetivamente lutaram; a admiração que tem por Rubem Fonseca, autor brasileiro de romances policiais, que refere no título de um dos capítulos, “A arte de andar de bicicleta nas ruas do Rio de Janeiro”, como homenagem ao conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro” (p. 115); a geografia da cidade e os costumes da Zona Sul, onde quase todos se conhecem (p. 176); as práticas de corrupção entre os traficantes de droga e os policiais (p. 240) e outras notas explicativas que somam, ao longo do romance vinte e uma. Se por um lado a leitura é instrutiva, por outro há uma quebra com a noção ficcional do texto. Em vez de incluir os dados no corpo da narrativa, misturados com a voz do protagonista estrangeiro que vai descobrindo e hibridizando-se com a cultura, o autor prefere intrometer sua própria voz do plano real em rodapé. Se tal recurso é menos escandaloso nos romances da nossa pós-modernidade ou hipermodernidade, pode-se referir ao elemento autobiográfico que adquire interesse nesse ponto. Gonçalves admite em entrevistas que muito do que viveu como imigrante no Rio de Janeiro foi transposto para o papel. Pode-se pensar, nesse caso, na documentação da experiência de diáspora num limiar do que é real e imaginário. Seu romance, desse modo, passa a ter caráter também híbrido.

Inês Pedrosa, por sua vez, confirma em entrevista ao *Jornal de Notícias* de 7 de março de 2015 o que aqui se tem denominado processo de hibridismo por via da dicotomia hospitalidade e hostilidade que passa, inclusive, pela variação linguística. A autora observa, similarmente às afirmações de Bauman, que “[n]ós julgamos que somos muito próximos, mas temos diferenças grandes. Estar no Brasil permite-me olhar para Portugal de outra maneira e vice-versa. Há um distanciamento que amplia a minha visão dos dois países” (2015b, s.n.p.).

Nossa contemporaneidade não somente permite, como de certo modo exige o trânsito constante dos personagens de ficção com a meta de perceberem o mundo globalizado e consequentemente perceberem-se a si próprios. A ideia de globalização, que não é nova, uma vez que se inicia já em tempos de expansão marítima, alia-se à compreensão ou mesmo à revisão da história, bem como das fronteiras que hoje em dia estão diluídas. Tanto a história como a fronteira, aliás, isto é, o espaço geográfico e social, são importantes para marcar o autoconhecimento e, ao mesmo tempo, a própria identidade. Tal fenômeno aparece nas narrativas apresentadas tanto de forma positiva como negativa: os personagens apresentados servem ao leitor como figuras representativas de uma geração e cultura próprias, ainda que a linguagem do texto apareça, em raros momentos, imperfeita naquilo a que se propõem os autores: isto é, utilizar a variante local, que não é a sua, mas tal como eles a percebem. A leitura de seus textos abre-se a uma interpretação mais abrangente da (boa) vontade aproximação, mas impossibilidade de “dominação” do conhecimento cultural. Trata-se neste caso, de um rico exemplo do hibridismo cultural, ou seja, de uma nova cultura que não é nem de cá nem de lá. Homi Bhabha nomeia tal fenômeno de *terceiro espaço* em que o intelectual “pós-colonial tenta elaborar um projeto histórico e literário” novo ou renovado (1998, p. 243).

Nesse sentido, pode ser revisitado o conceito de nacionalidade, como aparece nos personagens desses autores, que podem ser revisitados como *lusu-brasileiros*: Serginho acaba se acostumando, ou se resignando com a vida difícil em Lisboa por conta do tempo em que aí vive e por conta de sua impossibilidade de voltar ao Brasil, já que não possui dinheiro e nem passaporte. Revisita-se, de igual modo, a visão da história, como acontece com o protagonista de Hugo Gonçalves em constante embate com o velho português, Carlos, ou o trauma histórico-cultural presente na narrativa de Francisco José Viegas a partir do encontro de dois detetives, um do Porto, outro de Manaus. Os romances apresentados, ainda que não propriamente de mesmo gênero ou subgênero literário, têm em comum a questão do existencialismo e solidão na nossa contemporaneidade, que passa, inevitavelmente, pela dissolução das fronteiras geográficas e do conceito de nacional na cultura ou na linguagem, uma vez que somos todos, irrevogavelmente, indivíduos-vítimas ou indivíduos-algozes em tempos de globalização.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. Espaços sociais: cognitivo, estético e moral. Ética pós-Moderna. São Paulo: Paulus, 2003. p. 167-212.
- BHABHA, Homi. *O Lugar da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*. Trad. Fernando Bernardo. Coimbra: Palimage, 2003.
- GONÇALVES, Hugo. *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo*. 2. ed. Alfragide: Casa da Letras, 2013.
- PEDROSA, Inês. *Desamparo*. Lisboa: Dom Quixote, 2015.
- _____. Escrever é destruir a solidão. Entrevista a Diogo da Costa Leal, *Jornal de Notícias*. Disponível em: <<http://www.jn.pt/artes/interior/ines-pedrosa-escrever-e-destruir-a-solidao-4439266.html>>, s.n.p., 7 mar. 2015. Acesso em: 15 jul. 2016.
- RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti*. Lisboa: Quetzal, 2010.
- VIEGAS, José Francisco. *Longe de Manaus*. Porto: Asa, 2005.
- _____. Com o livro “Longe de Manaus” Francisco José Viegas vence Grande Prémio de Romance e Novela da APE, *Público*. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2006/06/07/culturaipsilon/noticia/francisco-jose-viegas-vence-grande-premio-de-romance-e-novela-da-ape-1260189>>, s.n.p., 7 jul. 2006. Acesso em: 15 jul. 2016.

Minicurrículo

Tania Martuscelli é professora de Estudos Brasileiros e Portugueses no Departamento de Espanhol e Português da Universidade do Colorado em Boulder, Estados Unidos. Crítica de literatura e de arte, fez seu mestrado na Universidade Estadual de Campinas e doutorado na Universidade de Massachusetts em Amherst. Especializa-se nas áreas de literatura e cultura transatlântica dos séculos XX e XXI em língua portuguesa, e também nas vanguardas. É autora dos livros *Mário-Henrique Leiria inédito e a linhagem do surrealismo em Portugal* (Lisboa: Colibri, 2013) e *(Des)conexões entre Portugal e o Brasil – séculos XIX e XX* (Lisboa: Colibri, 2016). Também é organizadora da obra completa de Mário-Henrique Leiria, tendo já publicado o primeiro volume de ficção: *Obras Completas de Mário-Henrique Leiria – Ficção* (Lisboa: E-Primatur, 2017).